

LINGUÍSTICA DE *CORPUS* NO BRASIL, ONTEM E HOJE: UMA ENTREVISTA
COM STELLA ESTHER ORTWEILLER TAGNIN¹

*CORPUS LINGUISTICS IN BRAZIL, YESTERDAY AND TODAY: AN INTERVIEW
WITH STELLA ESTHER ORTWEILLER TAGNIN*



Elisa Duarte Teixeira²
Universidade de Brasília (UnB)

Figura 1 - Elisa Teixeira e Stella Tagnin



163

Quando fui fazer minha prova e entrevista de seleção para a agora inexplicavelmente extinta Especialização de Longa Duração em Tradução da Universidade de São Paulo, no primeiro semestre de 1999, foi que encontrei, pela primeira vez, a Profa. Stella. De alguns alunos que esperavam do lado de fora da sala de entrevistas, onde ela e mais dois ou três docentes do Departamento de Letras Modernas conversavam com cada um dos aprovados na prova teórica, ouvi vários comentários do tipo: “só reza para não cair com *aquela mulher!*”. “Aquela mulher” era a Profa. Stella “Rotweiller” Tagnin, cuja fama de brava e exigente corria à boca miúda pelos corredores da FFLCH.

TEIXEIRA. *Linguística de Corpus no Brasil, ontem e hoje: uma entrevista com Stella Esther Ortweiller Tagnin*. *Belas Infêis*, v. 6, n. 1, p. 163-175, 2017.

Pois foi com ela que eu fiz minha entrevista, e confesso que a empatia não aconteceu logo de início, assustada que eu estava com os vaticínios ouvidos minutos antes. Mas quando as aulas começaram, vi nela uma pessoa atenciosa, dedicada, divertida e, acima de tudo, muito séria e cheia de disposição e de boas ideias. Nossa paixão compartilhada pela culinária e pela Linguística de *Corpus* (LC) veio à tona logo no primeiro semestre do curso, e nos rendeu inúmeras parcerias nos quase vinte anos que se passaram de lá para cá, entre apresentações conjuntas em eventos e artigos em coautoria, culminando na publicação conjunta do Vocabulário para Culinária (TEIXEIRA e TAGNIN, 2008).

Durante o mestrado e doutorado sob sua orientação, participei ativamente do surgimento do Projeto CoMET – *Corpus* Multilíngue para Ensino e Tradução (<http://comet.fflch.usp.br/projeto>). Ajudava na arrumação e manutenção do espaço físico da sala que se tornaria a sede do Projeto, fiz o webdesign da primeira versão do site (que foi ao ar em setembro de 2005) e ajudei a organizar o primeiro encontro do Grupo de Pesquisa (com registro oficializado no CNPq: dgp.cnpq.br/dgp/espelholinha/258697929279747153077), que foi reunindo, aos poucos, além de seus orientandos, vários outros interessados pelo tema que circulavam pela Letras. A turma aumentou, diminuiu, viu integrantes entrarem, saírem, voltarem, ou simplesmente irem ficando. Essa turma se reúne até hoje para discutir textos da Linguística de *Corpus* e vários outros temas relacionados e, é claro, brindar a amizade cultivada ao longo dos muitos anos com deliciosos almoços, jantares e cafés!

Certamente o convívio com a Prof. Stella e com todos os integrantes do grupo CoMET, nas reuniões e nos diversos eventos de que participamos juntos pelo Brasil afora e no exterior, são as melhores lembranças que guardarei, para sempre, de minha pós-graduação. Quase tudo o que sei hoje, o que sou como docente e pesquisadora, e aonde cheguei em minha carreira acadêmica (com um pouco de atraso!) e de tradutora devo especialmente a ela. A Stella nutriu e fermentou meu amor pela culinária e pelo ensino superior, me apresentou aos Estudos da Tradução e à Linguística de *Corpus*, da qual foi uma precursora no Brasil, juntamente com o Prof. Tony Berber Sardinha, meu guru e co-orientador no doutorado – a área de LC ainda estava engatinhando por aqui quando comecei minha pós.

Mas minha gratidão e admiração eternas por ela não são apenas por ter confiado tanto em mim e me estimulado sempre em todos os aspectos da minha vida acadêmica, ou por ter tolerado

minha petulância e arrogância juvenis. São por sua dedicação ao trabalho, generosidade intelectual e modéstia, por tudo o que construiu ao longo de sua extensa carreira acadêmica e que, de muito bom grado, tem compartilhado com todos os que têm o prazer e a honra de desfrutar de seu convívio profissional e pessoal.

E quem a conhece sabe que a aposentadoria não mudou muita coisa na rotina agitada dessa docente, que completa 50 anos de “profissão: professora” em 2017.

Formada em Letras Anglo-Germânicas em 1968, seis anos depois de começar a trabalhar com língua inglesa, fez mestrado e doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela USP (1981 e 1987, respectivamente), tendo ingressado na mesma instituição em 1975, como Auxiliar de Ensino, para ensinar Língua Inglesa na Escola de Comunicação e Artes, passando depois para a Faculdade de Letras da FFLCH. A Livre-docência veio em 1999, com o trabalho *Convencionalidade e Produção de Texto: Um Dicionário de Colocações Verbais Inglês/Português-Português/Inglês*. Suas principais áreas de atuação, Ensino de Inglês como Língua Estrangeira e Estudos da Tradução, e as áreas correlatas com as quais vem trabalhando, além da Linguística de *Corpus* (tais como a Fraseologia, a Convencionalidade e a Terminologia), atraíram diversos orientandos interessados em trabalhar com as temáticas mais diversas, como pode ser visto no *curriculum Lattes* da professora (<http://lattes.cnpq.br/4402771732265181>). Ao longo da carreira foram em torno de dez alunos de graduação, mais de 35 de mestrado, mais de quinze de doutorado, e dois de pós-doutorado, além de diversos bolsistas-trabalho. Contribuiu também para o trabalho de vários outros pós-graduandos e docentes, tendo participado de quase quarenta bancas de mestrado e quase trinta de doutorado, além de mais de dez concursos. Atualmente orienta um aluno de mestrado e oito de doutorado, além de outros três de graduação, do novo Programa Integrado de Bolsas.

No campo das publicações, fica fácil perceber por que seu nome dispensa apresentações: foram 25 artigos em periódicos, mais de dez obras traduzidas, quase vinte capítulos de livro e outros dezenove que assina sozinha ou ajudou a organizar/editar. Entre eles, vários dedicados ou relacionados à Linguística de *Corpus* e à tradução, como é possível ver na lista de publicações suas do Lattes. O *Expressões Idiomáticas e Convencionais*, uma de suas obras mais conhecidas, é uma pesquisa que começou com a tese de doutorado, lançado inicialmente pela Ática, em 1989. Com nome, roupagem e conteúdo novos – incluindo um capítulo sobre a LC – foi publicado

novamente em 2005 pela Disal, com o título *O Jeito que a Gente Diz*, e mais uma vez em 2013, com ainda mais exemplos, uma reformulação do capítulo sobre LC, exercícios e quadros comparativos com outras línguas modernas – contribuição das colegas docentes Eva Glenk (alemão), Adriana Zavaglia (francês), Angela Zucchi (italiano) e Heloísa Cintrão (espanhol).

Na área de Tradução, a Profa. Stella publicou, com seus alunos, duas coletâneas de contos traduzidas por eles ao longo da disciplina de Tradução Literária do referido curso de Especialização: *Lá do Canadá*, em 2002, e *Lá da Austrália*, em 2005. Ambos podem ser consultados atualmente na forma de um *corpus* eletrônico multi-versão (original, primeira versão da tradução, tradução revisada e versão final publicada) no site do Projeto CoMET, juntamente com algumas versões publicadas dos contos que compõem o *Dubliners*, de James Joyce, e de textos de Lewis Carrol, alinhados com seus respectivos originais – uma fonte inesgotável de pesquisa para aprendizes e professores de tradução literária. Também em parceria com os alunos da Especialização, mas, desta vez, os da disciplina de Tradução Técnica, a Profa. Stella supervisionou a compilação e foi co-autora de alguns dos vocabulários técnicos publicados pela SBS na série *Mil & Um Termos*, dedicada aos tradutores e aprendizes de diversas áreas especializadas, como a Fotografia, a Química e a Culinária – este último, fizemos juntas.

Destaco também a série que co-organizou com o Prof. Dr. Vander Viana, egresso da UERJ que hoje trabalha na Universidade de Stirling, na Escócia – *Corpora no Ensino de Línguas Estrangeiras* (2010) e *Corpora na Tradução* (2015) – e com a Profa. Dra. Cleci Bevilacqua – *Corpora na Terminologia* (2013) –, que contam com artigos de alguns dos maiores especialistas dessas áreas trabalhando na interface com a LC no Brasil atualmente.

Stella também professa a LC em sua interface com a Tradução nos muitos eventos de que participa – já foram mais de 100, no Brasil e no exterior, em 68 dos quais apresentou trabalho. Dentre os dezessete eventos que ajudou a criar e organizar estão o *Encontro de Linguística de Corpus (ELC)*, que antes se chamava *Encontro de Corpora* e hoje está em sua XIV edição, e a *EBRALC (Escola Brasileira de Linguística Computacional)*, que começou em 2007, na USP. E como se não bastasse, ela ainda encontra tempo para escrever uma coluna mensal no Blog da Editora DISAL, que já tem mais de quarenta contribuições suas. Sem mencionar as aulas e apresentações imperdíveis de coral, os pães de fermentação natural, o imperdível limoncello, a horta do sítio, as fotos artísticas (com direito a exposição e tudo)... enfim, a Stella é realmente

uma pessoa incrível, especial e incansável. Que alegria poder dizer que sou sua ex-orientanda, amiga e futura parceira de projetos!

Veja, a seguir, como foi minha conversa com ela para este dossiê da revista *Belas Infiéis*:

ELISA: Stella, vamos começar com uma pergunta que eu nunca fiz a você: o que despertou seu interesse pelas Letras, e o que a motivou a escolher o ensino da Língua Inglesa e da tradução como profissão?

STELLA: Coisas da vida! Fiz um intercâmbio em 1961-62 nos Estados Unidos. Quando voltei para São Paulo fui trabalhar como Secretária Executiva Bilíngue na CIBA. Uma de minhas tarefas era traduzir para o português bulas de remédio e folhetos médicos. Aí resolvi fazer uns cursos na USP-Letras como ouvinte, para ver se eu “dava conta”, trabalhando de dia e estudando à noite. Percebi que dava e prestei o vestibular, acho que em 1965. Continuei trabalhando como secretária em outras duas empresas, sempre envolvida com algum trabalho de tradução, muitas vezes para o inglês. Quando ia me casar (1967), procurei um emprego que me desse a sexta-feira livre, pois era o dia de folga de meu futuro marido. Candidatei-me a uma vaga de professora de inglês num Cursinho, que depois se transformou no Cursinho Equipe e, mais tarde, no Colégio Equipe. Lá lecionei até 1972. Em 1975 fui convidada a ingressar na USP, para dar aulas de inglês na ECA, que tinha 3 semestres de inglês. Isso terminou em 1977, se não me engano. Passei então para a Letras, Departamento de Letras Modernas, onde dei aula na graduação durante um semestre. Em 1978 foi criada a Modalidade Tradução como uma opção para a graduação, no período da tarde. A partir daí lecionei basicamente só nesse curso, que passou por várias modificações, chegando a ser um *lato sensu*. Infelizmente esse curso foi extinto em 2005. Mas continuo atuando na pós-graduação, embora oficialmente aposentada.

167

ELISA: Quando você começou a orientar trabalhos de pós-graduação nessa área?

STELLA: Minha primeira orientanda de mestrado, Cristina Arcuri Eluf Kindermann, concluiu sua monografia – uma análise contrastiva da polidez – em 1993; em 1994, mais quatro alunos defenderam. Um deles, Adauri Brezolin, foi também meu primeiro aluno de doutorado, e defendeu sua tese em 2000.

ELISA: Qual foi seu primeiro contato com a LC? E qual foi o aspecto dessa nova área de estudos que mais chamou a sua atenção naquele momento?

STELLA: Meu primeiro contato foi em 1995, quando passei três dias na Universidade de Gotemburgo, com o professor Göran Kjellmer. Eu estava num congresso em Elsinore, na Dinamarca, o *Third Language International Conference on Translator and Interpreter Training*, e havia lido artigos desse professor. Entrei em contato com ele e perguntei se poderia visitá-lo. Ele foi extremamente atencioso e me disponibilizou o *corpus* Brown, que usei para buscar exemplos para meu *Dicionário de Colocações Verbais*. Em 1999 convidei o Professor Kjellmer para vir ao Brasil ministrar um curso sobre Linguística de *Corpus*. Na ocasião também organizei o 1º Encontro de Linguística de *Corpus*, que terá sua 14ª edição em agosto de 2017, no campus da Unisinos, em São Leopoldo, RS.

O aspecto que mais me chamou a atenção foi a facilidade de encontrar exemplos para as colocações que eu já havia identificado. No meu mestrado trabalhei com os verbos “*to do*” e “*to make*” e levei três anos coletando exemplos de romances e outras leituras que fiz. Com a Linguística de *Corpus* eu conseguiria esses exemplos com dois cliques!!!

168

ELISA: Sabemos que você é uma das responsáveis por introduzir a LC no Brasil. Como tudo começou? Você se lembra de quando foi a primeira vez que você (ou outro pesquisador brasileiro) deu um curso de LC no Brasil?

STELLA: Começou com este meu contato com Prof. Kjellmer, e sua visita posterior ao Brasil, a convite meu. O Tony Berber Sardinha já trabalhava com *corpus* nessa época – inclusive eu o convidei a participar daquele 1º. *Encontro de Linguística de Corpus*. Não sei se ele já dava aulas sobre isso. Depois do curso do Prof. Kjellmer, eu credenciei dois cursos na pós-graduação sobre a LC. Acredito que o primeiro tenha sido em 1999, mas não posso garantir.

ELISA: No seu entender, quais foram os fatores e as ações que mais favoreceram a difusão e a consolidação da LC no Brasil nos últimos 10-15 anos?

STELLA: Creio que foram os cursos ministrados e os *Encontros de Linguística de Corpus*. Costumo dizer que quem tem contato com a LC entra num caminho sem volta. Mas ainda há certa resistência por parte de docentes mais antigos, infelizmente. No entanto, os alunos que

formamos são excelentes multiplicadores e, hoje, acredito que a LC esteja difundida em várias partes do Brasil graças a eles.

ELISA: E qual foi o papel, nesse cenário, do Encontro de Linguística de Corpus (ELC), que terá sua 14ª edição em 2017, e da Escola Brasileira de Linguística Computacional (EBRALC), que vai para o 9º ano de realização? Nos conte um pouco sobre como surgiram esses eventos. Você tem alguma memória especial das edições anteriores para compartilhar com os leitores da Belas Infêis?

STELLA: No livro *Avanços da Linguística de Corpus no Brasil* (Humanitas, 2008), Tony Berber Sardinha e Gladis Maria de Barcellos Almeida escreveram o capítulo “A Linguística de *Corpus* no Brasil”, em que salientam a relevância dos *Encontros de Linguística de Corpus* para a consolidação dessa área no país. Participei da organização daqueles que foram realizados na USP. Aqui está uma relação dos Encontros realizados:

- 1999: USP – I Seminário sobre Estudos de *Corpus*: Implantação e Perspectivas
- 2001: USP – II Seminário sobre Estudos de *Corpora*: Perspectivas para a Tradução
- 2003: UNICAMP – III Encontro de *Corpora*
- 2004: USP – IV Encontro de *Corpora*
- 2005: UFSCar – V Encontro de *Corpora*
- 2007: USP – VI Encontro de Linguística de *Corpus* (ELC) e I Escola Brasileira de Linguística Computacional (EBRALC)
- 2008: IBILCE/UNESP – VII Encontro de Linguística de *Corpus* e II EBRALC
- 2009: UERJ – VIII Encontro de Linguística de *Corpus* e III EBRALC
- 2010: PUC-RS – IX Encontro de Linguística de *Corpus* e IV EBRALC
- 2011: UFMG – X Encontro de Linguística de *Corpus* e V EBRALC
- 2012: UFSCar – XI Encontro de Linguística de *Corpus* e VI EBRALC
- 2014: UFU – XII Encontro de Linguística de *Corpus* e VII EBRALC
- 2015: UFPb – XIII ELC e VIII EBRALC
- 2017: UNISINOS/UFRGS – XIV ELC e IX EBRALC

A EBRALC foi inspirada na Escola de Verão organizada por Diana Santos e Belinda Maia, na Universidade do Porto, e desde então é realizada antes do ELC.

Como se vê, é um evento itinerante e tem sido realizado quase que anualmente.

ELISA: Agora me fale um pouco sobre os desafios. O que poderia ter sido diferente, ou, o que teria que mudar para que a LC tivesse um papel ainda mais importante para o ensino e a prática da tradução no Brasil?

STELLA: O grande desafio é convencer os pesquisadores mais reticentes a tentarem usar a LC nas suas pesquisas. Hoje ela é inclusive usada em estudos da Análise do Discurso com muito êxito. Tanto assim que o tema do próximo ELC será *Contribuições da Linguística de Corpus para os Estudos sobre Gêneros Textuais e Discursivos*. Com isso queremos disseminar trabalhos que se valem da LC para esses estudos. Também se espera poder publicar um livro com os trabalhos apresentados para constituir mais um volume da “coleção” *Corpora na...*, da qual já temos *Corpora no Ensino de Línguas Estrangeiras*, *Corpora na Terminologia* e *Corpora na Tradução*.

170

ELISA: Corpus-based (baseados em corpus) ou Corpus-driven (direcionados pelo corpus)? Que avaliação você faz da qualidade dos trabalhos de Tradução e áreas afins feitos no Brasil na última década envolvendo o uso da LC como metodologia e/ou abordagem teórica?

STELLA: Eu diria que a maioria dos trabalhos é de excelente qualidade, com sólida metodologia. Há, certamente, alguns trabalhos que afirmam se valer de *corpus*, mas que, na realidade, não seguem essa metodologia. Também acredito que, uma vez que o pesquisador opta por usar a LC, já está se valendo de uma abordagem específica. Compilar um glossário *corpus-driven*, por exemplo, é uma opção bastante diversa de compilar um glossário a partir de outro já existente e apenas complementá-lo com novos exemplos ou verbetes. A questão que se coloca é, de onde vêm esses novos verbetes, o que os abona? Isso acaba sendo uma “abordagem” bastante subjetiva, enquanto um glossário *corpus-driven* é uma abordagem essencialmente objetiva, pois os termos que forem identificados no *corpus* certamente são usuais naquele domínio.

ELISA: Como começou o Projeto CoMET – Corpus Multilígue para Ensino e Tradução – que você coordena? Quais são as principais ferramentas do website do Projeto e quem são seus parceiros nesta empreitada?

STELLA: Boa pergunta! Coisas que a gente inventa e acabam dando certo. No Lattes, a primeira referência é de 2002, quando o CoMET foi apresentado no InPla.

A primeira versão do CorTec, o *Corpus* Técnico do CoMET, lançada em setembro de 2005, teve o apoio financeiro do CNPq, processo nº 403120-03-9, e foi construída e implementada junto ao projeto CoMET em parceria com o NILC (Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional), sediado no ICMC (Instituto de Ciências Matemáticas e da Computação) da USP de São Carlos.

O CorTec conta com três ferramentas principais: Gerador de lista de palavras, Concordanciador e Gerador de n-gramas. Todas as ferramentas de pesquisa foram desenvolvidas e adaptadas para o CorTec por Marcos Felipe Tonelli de Carvalho, sob a coordenação da Profa. Dra. Sandra Maria Aluísio. A primeira versão do website que foi ao ar com os *corpora* do CoMET foi criada por você, e a arte visual da interface das ferramentas foi desenvolvida por Patrícia Tagnin, que também criou o logo do Projeto, com base em alguns rabiscos que eu e a Stella fizemos juntas.

O CorTrad é um projeto em constante ampliação, fruto de uma parceria entre o CoMET, a Linateca e o NILC, iniciada em maio de 2008. O *corpus* está subdividido em três *subcorpora*: Literário (por ora, contos australianos e canadenses, Alice no País das Maravilhas, Alice no País do Espelho e Dublinenses, com as traduções de Hamilton Trevisan e José Roberto O’Shea); Técnico-científico (por ora, culinária) e Jornalístico (por ora, divulgação científica). O acesso ao *corpus* é feito por meio do DISPARA, um sistema de disponibilização de *corpora* na rede com interface customizável, desenvolvido por Diana Santos, da Linateca. Um dos principais diferenciais do CorTrad é permitir a observação de várias versões de uma mesma tradução, bem como pesquisas diferenciadas para cada *subcorpus*, respeitando as particularidades daquele gênero e tipologia textuais. Os textos do *corpus* são etiquetados morfossintaticamente, permitindo consultas mais refinadas. Também tem etiquetas semânticas para “cor” e “roupa”. Etiquetas para “sentimentos” estão sendo acrescentadas também e em breve estarão disponíveis para consulta.

O CorTrad dispõe de várias possibilidades de pesquisa, além das concordâncias. Por ser um *corpus* etiquetado, as buscas podem ser feitas por categorias morfológicas, sintáticas, por temas e mesmo por categorias semânticas como “cor” e “roupa”.

ELISA: O que seu grupo de pesquisa tem produzido nestes últimos anos em LC e tradução? Cite alguns egressos que trabalham nessa interface, e o que podemos esperar em termos de trabalhos em andamento e projetos futuros.

STELLA: Trata-se de um grupo bastante ativo. Além de suas teses e dissertações, todos participam regularmente de congressos, apresentando trabalhos. Boa parte está atuando em universidades, difundindo a LC. Por exemplo:

Adauri Brezolin – Unibero / Anhanguera / Metodista, São Paulo

Adriane Orenha Ottaiano – UNESP, Rio Preto

Andréa Geroldo dos Santos – Mackenzie

Cristina Arcuri Eluf – UNEB

Elisa Duarte Teixeira – UnB

Guilherme Fromm – UFU

Joacyr Tupinambás de Oliveira – UNICAMP

Luciana Carvalho – PUC, São Paulo

Luciana Latarini Ginezi – UNINOVE

Nilson Barros – UERN, Mossoró

Rodrigo Garcia Rosa – Faculdade Cultura Inglesa

Rozane Rodrigues Rebechi – UFRGS

Vera Lucia Santiago Araújo – UECE

Como projeto futuro, nosso grupo está agora trabalhando com gênero e discurso e vamos apresentar vários trabalhos no próximo ELC, alguns relacionados à tradução. Também esperamos continuar a alimentar tanto o CorTrad, com novos textos paralelos alinhados, quanto o CorTec, com novos *corpora* compilados por nossos orientandos (como, por exemplo, o *Corpus* de Esportes Olímpicos e Parolímpicos, que deve sair até o meio do ano).

ELISA: Por fim, quais você considera serem as tendências atuais em relação ao uso de corpora nos Estudos da Tradução? E o que podemos esperar (ou almejar) para o futuro dessa área no Brasil?

STELLA: Uma área que está se difundindo bastante é justamente a de Análise do Discurso. Os pesquisadores de Lancaster, em especial Tony McEnery e Paul Baker, estão trabalhando em vários aspectos discursivos usando *corpora*. Também, praticamente não se cogita mais, hoje em dia, fazer Terminologia sem *corpus*. Agora, uma área ainda especialmente carente da LC no Brasil é a de ensino de Língua Inglesa. Acabo de ser banca de um trabalho que analisou três dos livros didáticos aprovados pelo MEC para o ensino de inglês e nenhum faz menção explícita à LC. Só um deles, o de Vera Menezes et al traz, na bibliografia, alguns *corpora* como o COCA (*Corpus of Contemporary American English*: <http://corpus.byu.edu/coca/>), por exemplo. Então acho que essa área ainda carece de mais estímulo para usar a LC. A Andréa Geroldo, que trabalha na produção de material didático do Mackenzie, usa a LC nos seus materiais, mas é uma gota d'água no oceano.

173

BATE-PRONTO

Autor favorito em LC: Tony McEnery

Todos que trabalham com tradução deveriam ler: Se for para ter uma ideia geral do uso da LC na Tradução eu sugeriria, sem falsa modéstia, ler o artigo “A Linguística de *Corpus* na e para a tradução”, da série organizada com Vander Viana (TAGNIN, 2015). Ou também o capítulo cinco, Linguística de *Corpus*, do livro *O Jeito que a Gente Diz* (TAGNIN, 2013). De resto, tudo depende do aspecto da tradução em que a pessoa está interessada. Hoje há uma vasta bibliografia disponível.

Trabalho mais instigante de tradução e LC que já leu: O trabalho de doutorado de Lourdes Bernardes Gonçalves que, por meio da L.C., apresentou evidências para contradizer críticos literários que afirmam que, nos textos do *Dubliners*, de James Joyce, a mulher “é a oprimida das oprimidas”. Sua análise usando a LC mostrou que, embora a mulher apareça pouco, quando aparece é uma personagem afirmativa e forte. Observou isso analisando os verbos que coocorrem com as personagens femininas.

Ferramenta preferida em LC: Keyword – que é onde tudo começa...

Área técnica mais enigmática com que já trabalhou: Estatística

Livro / artigo de sua autoria de que você mais gosta: O Jeito que a Gente Diz

Seu mais novo projeto: Análise do Discurso em textos do movimento “farm-to-table”

Seu sonho de consumo em LC e/ou tradução: Conseguir participar do Corpus Linguistics 2017 em Birmingham – e soube a pouco que meu trabalho foi aprovado!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERBER SARDINHA, T. e G. M. BARCELLOS ALMEIDA (2008). A Linguística de Corpus no Brasil. In: TAGNIN, S. E. O. & O. A. VALE (Eds.). *Avanços da Linguística de Corpus no Brasil*. São Paulo: Humanitas, pp. 17-40.

TAGNIN, S. E. O. (2013). *O jeito que a gente diz: Combinações consagradas em inglês e português*. Barueri, SP: Disal Editora.

TAGNIN, Stella E. O.; BEVILACQUA, Cleci R. (Orgs.) (2013). *Corpora na terminologia*. Editora: HUB Editorial, p. 63-85.

TEIXEIRA, E.D. and S.E.O. TAGNIN (2008). *Vocabulário para Culinária inglês/português*. Série Mil e Um Termos. São Paulo: SBS.

VIANA, Vander; TAGNIN, Stella E. O. (orgs.) (2010). *Corpora no ensino de línguas estrangeiras*. São Paulo: Hub Editorial, 375 p.

VIANA, Vander e Stella TAGNIN (Orgs.) (2015). *Corpora na tradução*. São Paulo: HUB Editorial.

RECEBIDA EM: 18/04/2017

ACEITA EM: 02/05/2017

PUBLICADA EM: junho de 2017

¹ Stella Esther Ortweiler TAGNIN – Graduada em Letras Anglo Germânicas (1968) pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre (1981) e Doutora (1987) em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela mesma universidade.

Professora Associada aposentada da Universidade de São Paulo. Integra o conselho editorial da Revista *Belas Infiéis* desde sua criação em 2012. São Paulo, São Paulo, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4402771732265181>

² Elisa Duarte TEIXEIRA – Bacharel em Letras – Linguística (1997) pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre (2004) e Doutora (2008) em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela mesma universidade. É Professora Adjunta do Bacharelado em Letras – Tradução/Inglês na Universidade de Brasília (UnB). Brasília, Distrito Federal, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2718046708360707> E-mail: elisadut.unb@gmail.com